

INTERNACIONALIZAÇÃO

*** Roberto Rodrigues**

Quando assumi a presidência da OCB em meados de 1985, já éramos filiados a OCA – Organização das Cooperativas da América, cuja sede era em Bogotá – Colômbia, e presidida por um bom cooperativista colombiano chamado Armando Tovar Parada.

O grande líder brasileiro Américo Utumi, até então vice-presidente da OCB e presidente da OCESP, ocupava a vice-presidência da OCA.

Com o fim do mandato de Utumi na OCB, tive que substituí-lo como vice da OCA, que estava em lastimável estado financeiro, à mingua, quase fechando.

O cooperativismo brasileiro deu então novo um impulso à entidade continental, que não contava com apoio das cooperativas do hemisfério norte, de modo que do México para cima não havia participação na OCA. Mas demos a ela uma sobrevida de mais alguns anos, quando criou uma lei referencial para o cooperativismo latino-americano, de grande alcance. E foi através da OCA que tomei conhecimento mais completo da Aliança Cooperativa Internacional, criada em 1985 para proteger e disseminar a doutrina da solidariedade e ser a guardiã de seus princípios e valores, sempre presidida por dirigentes europeus.

Com alguns dirigentes da OCA, fui a um Congresso Mundial da ACI, representando a OCB, em julho de 1988, em Estocolmo, na Suécia.

Aquele foi meu primeiro contato com o cooperativismo dos países europeus, uma brutal revelação. Lá tomei conhecimento da existência de poderosos bancos cooperativos no Canadá, Estados Unidos, Alemanha, Holanda, França, Japão, Coréia e me dei conta da nossa fragilidade neste ramo em função dos “não pode” do Banco Central: nada podia, nem ter talão de cheques. Conheci também a grande presença das cooperativas de consumo de países nórdicos, das de leite da Dinamarca, Holanda e Inglaterra, da impressionante presença das cooperativas agrícolas dos Estados Unidos, Japão e toda a Europa Ocidental. Aprendi o papel das tradings de cooperativas da Holanda e do Canadá, e um mundo com mais de 800 milhões de cooperados se abriu para mim.

No mesmo ano a OCB submeteu sua filiação à ACI, e só fomos aceitos no ano seguinte, 1989, no Congresso da ACI realizado em Nova Delhi, na Índia.

Mas ao mesmo tempo em que o mundo se revelava ao Brasil, o Brasil cooperativista se mostrava ao mundo em todo o seu vigor e potencial.

Em 1992, em Congresso realizado no México, a ACI deu provimento à decisão de criar os Conselhos Continentais, cujos presidentes seriam automaticamente vice-presidentes mundiais, participando das duas reuniões anuais da entidade em sua sede em Genebra, Suíça.

Simultaneamente, a OCA perdia sua razão de ser e era então assimilada pelo Conselho Continental da ACI para as Américas, agora com firme participação dos Estados Unidos, Canadá e México.

Neste ano fui eleito presidente do Conselho Continental e, ao mesmo tempo, assumi a Presidência da Organização das Cooperativas Agropecuárias

da ACI, graças ao reconhecimento global da importância do nosso cooperativismo.

E tive o privilégio e a honra de abrir para as cooperativas brasileiras, sempre com o apoio incondicional da OCB, um novo canal de inserção internacional, que elas souberam aproveitar, com a grande capacidade de adaptação de nossas modernas lideranças.

Em 1997 fui eleito presidente mundial da ACI, com mandato até 2001, quando Américo Utumi passou a integrar o Conselho da ACI, de modo que o Brasil nunca mais saiu de lá, sendo atualmente representado por Eudes de Freitas Aquino, presidente da UNIMED Brasil.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)**